



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Formação de Professores e Desafios da Escola no Século XXI

Sinop, v. 7, n. 2 (19. ed.), p. 822-842, jun./jul. 2016

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

---

## VIOLÊNCIA NA ESCOLA A PARTIR DA PERSPECTIVA DOCENTE<sup>1</sup>

**Jaderson Kleveston Schneider**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS - Brasil

### RESUMO

O crescente aumento da violência na escola tem gerado preocupação nos setores da sociedade. Esse problema social é muito importante pois é na escola que ocorre boa parte do processo de crescimento social e intelectual das crianças. Saber o que ocorre nesse meio, do ponto de vista dos docentes, é essencial para entendermos o processo de violência na e da escola. Assim, foram realizadas entrevistas com 54 professores do ensino básico, confrontando-as com autores referência nos estudos sobre a violência escolar. Os resultados mostraram que a violência está presente no meio escolar, mas provavelmente não oriunda desse espaço.

**Palavras-chave:** Violência. Professor. Aluno. Escola. Entrevista.

### 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a violência na escola tem preocupado docentes, autoridades e a opinião pública em geral. Entender as atitudes e pensamentos dos professores, relacionando com a realidade da escola de que são parte integrante, é fundamental para procurar entender os porquês da violência, seja na ou da escola. Assim, este trabalho visa analisar como os professores se encontram frente a esses variados tipos de violência. Para essa análise, serão levados em consideração autores

---

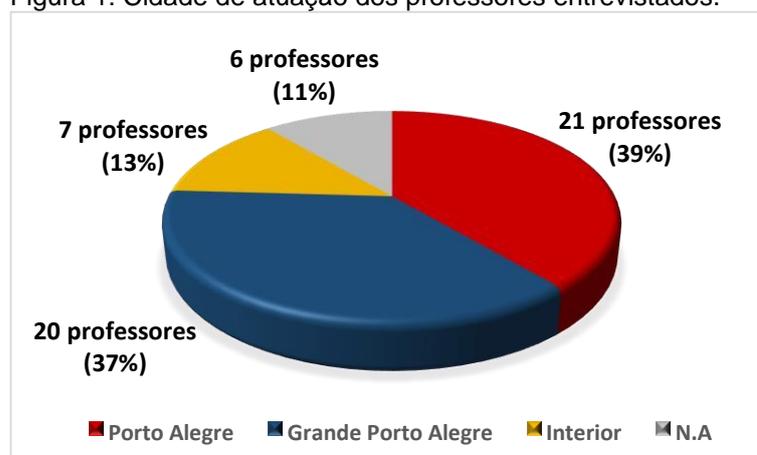
<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão da Disciplina **Educação Contemporânea: currículo, didática, planejamento**, ministrada pela Profa. Dra. Dóris Maria Luzzardi Fiss no primeiro semestre do ano de 2014 na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

referência nos estudos sobre a violência escolar como: Bernard Charlot, Alba Zaluar, Maria Cristina Leal e José Vicente Tavares dos Santos. Além disso, buscar-se-á confrontar as concepções por eles discutidas com as ideias expressas pelos professores entrevistados.

Com relação às entrevistas, foram feitas 3 perguntas para 54 professores que atuam em escolas de educação básica e, também, em outros espaços: 39 são do sexo feminino e 15 são do sexo masculino. As questões foram: 1) Para ti, o que é violência escolar? Que tipos de violência tu já vivenciaste? 2) Qual postura (medidas tomadas pela escola, pelos professores, pelos alunos, pelos órgãos responsáveis) precisa ser assumida diante dos atos de violência na escola? 3) Como a violência interfere no processo de aprendizado do aluno? Como tu lidas com isso nas tuas aulas? Para facilitar a visualização dos dados obtidos, serão mostrados os valores absolutos e percentuais, em gráficos.

Como pode ser visto na Figura 1, 21 professores atuam em escolas de Porto Alegre enquanto 20 atuam em escolas de municípios que abrangem a região metropolitana de Porto Alegre. Apenas essas duas categorias correspondem a praticamente 76% do total de entrevistados. Do total, 7 (13%) lecionam em escolas do interior de estado do Rio Grande do Sul e 6 (11%) professores foram classificados como N.A.<sup>2</sup> (Não se Aplica).

Figura 1: Cidade de atuação dos professores entrevistados.



Fonte: Material produzido pelo autor.

<sup>2</sup> Para todos os casos, a categoria N.A. ou Não se Aplica é considerada para entrevistas em que não foi respondida a pergunta feita ou em que não houve enquadramento da resposta em nenhum dos itens anteriormente citados pelo professor para a respectiva pergunta.

Do total de entrevistados, 33% tem até 5 anos de experiência no magistério, 22% tem entre 5 e 20 anos de prática em docência e 28% têm mais de 20 anos de experiência nesta área. A Figura 2 mostra essa distribuição. Nela pode-se observar certa heterogeneidade entre os entrevistados com relação ao tempo de atuação como docente.

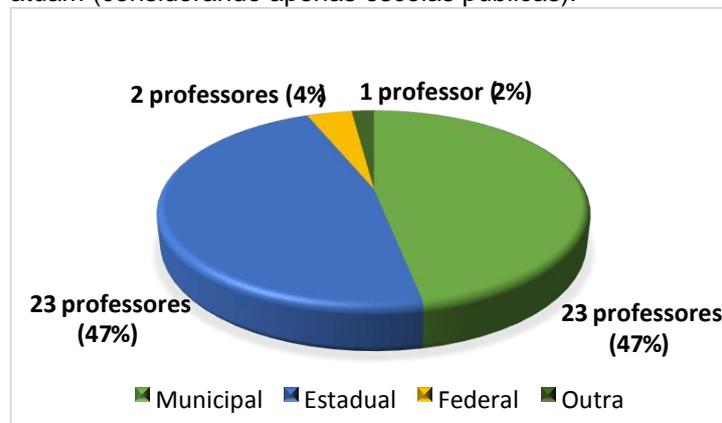
Figura 2: Tempo de magistério dos professores entrevistados.



Fonte: Material produzido pelo autor.

Com relação ao tipo de escola em que atuam, 49 professores atuam em escolas públicas, representando mais de 90% do total de entrevistados, contra apenas 9 que atuam em escolas particulares. Na categoria N.A. apenas 2 professores foram enquadrados. Cabe salientar que esses dados consideram também professores que atuam nas duas redes de ensino: 6 professores atuam tanto na rede pública quanto na rede privada. Como o quantitativo da entrevista tem como grande maioria os professores que atuam em escolas públicas, plotou-se o gráfico com relação ao tipo de escola em que estes atuam: municipal, estadual ou federal, conforme pode ser visualizado na Figura 3 abaixo.

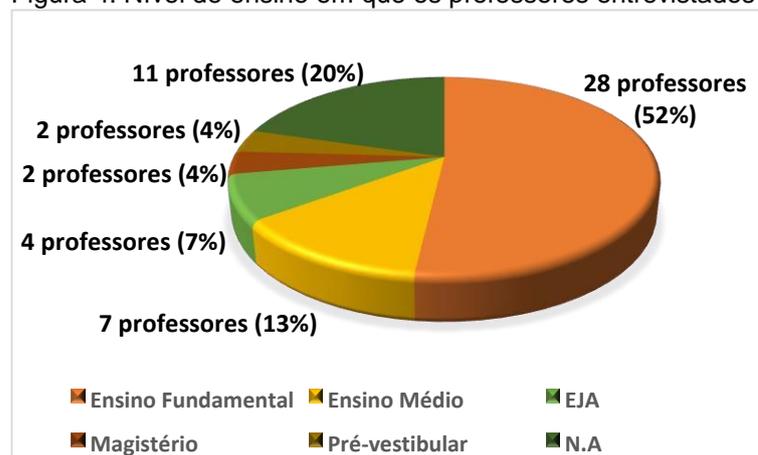
Figura 3: Rede de ensino em que os professores entrevistados atuam (considerando apenas escolas públicas).



Fonte: Material organizado pelo autor.

A Figura 4 mostra a classificação dos professores entrevistados com relação ao nível de ensino a que se dedicam: ensino fundamental, médio, educação de jovens e adultos, magistério ou curso pré-vestibular. Mais da metade dos professores entrevistados, 28 de um total de 54, atuam no ensino fundamental. Apenas 7 professores de um total de 54 atuam no ensino médio.

Figura 4: Nível de ensino em que os professores entrevistados atuam.



Fonte: Material organizado pelo autor.

Ainda a respeito da Figura 4, dos 28 professores que atuam no ensino fundamental, 18 atuam nos Anos Finais desta etapa (correspondendo a 33% do total dos professores entrevistados) e 10 atuam nos Anos Iniciais (correspondendo à mais de 18% do total dos entrevistados).

Entre os entrevistados, mais da metade dos professores atuam apenas na sua área de formação (29 entrevistados), 2 atuam em área diferente daquela de sua formação, e 10 atuam em sua área além de atuar também em uma área distinta a de sua formação. Dos 29 professores que atuam apenas na sua área, 24 atuam na rede pública, 4 na rede privada e 1 atua em ambas redes de ensino. Para os professores que atuam em mais de uma área, todos atuam na rede pública de ensino. O mesmo se aplica para os docentes que atuam em uma área distinta da de sua formação: os 2 entrevistados atuam na rede pública.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

O conceito de violência se fundamenta numa compreensão do fenômeno intrinsecamente relacionado ao contexto social, histórico e cultural. A violência é constituída da própria constituição do ser humano, tomando formas específicas de acordo com os arranjos sociais em que ela ocorre (FONSECA et al., 2002, p. 799). Entendida como uma construção social estabelecida em um conjunto de relações e interações entre os sujeitos, a violência depende do momento histórico, da localidade, do contexto cultural, sendo imperativo que se considere o seu caráter de dinamismo, próprio de fenômenos culturais (CHARLOT, 2002, p. 29). Assim, a violência, de uma forma ou de outra, pode ser observada em todos os segmentos da sociedade.

Na escola, há uma crescente preocupação no que concerne a essa temática. Contudo, é preciso lembrar que, quando falamos em violência na escola, estamos abordando um tema que não é novo, mas que vem tomando novas formas e se manifestando em contextos variados, sendo, então, um objeto contínuo de pesquisa e discussão. Bernard Charlot (2002, p. 30) nos traz essa ideia de que a violência na escola já não pode ser entendida como um fenômeno novo. Como os envolvidos são crianças cada vez mais novas, a comparação entre infância e inocência perde força. Há alguns anos também já vem se percebendo o aumento de casos em que a escola é palco para o “acerto de contas” referente a situações/acontecimentos que ocorrem fora do ambiente escolar.

Países como a França, por exemplo, debatem o assunto há mais de 20 anos. As experiências e conclusões preliminares produzidas a partir de outras realidades

podem nos ajudar muito a entender o nosso próprio processo, habilitando-nos a transformá-lo de forma positiva. Segundo Santos (2001, p. 107), passamos por um processo de intensa modificação da sociedade contemporânea nos últimos anos. É possível dizer que tal processo nos encaminha ao chamado 'globalismo'. Essas transformações, por consequente, vêm alterando profundamente as formas de sociabilização e, contraditoriamente, ao mesmo tempo em que integram grupos, fragmentam socialmente, criando novos dilemas para a interação social.

O mundo globalizado e excludente, econômica e socialmente, cria condições que incentivam o uso de violência em seus espaços, invertendo, assim, a lógica do processo civilizatório. Dentro desses espaços, podemos inserir a escola, que se torna, paulatinamente, local onde a violência é semeada e colhida. O ambiente escolar reproduz a sociedade que o cerca e, por vezes, se faz um microcosmo do que vivemos fora dos portões da instituição. As muitas formas de violência estão também presentes ali, pois são fruto de uma cultura social e devem ser tratadas e analisadas de acordo com sua extrema complexidade.

Muitos autores preocupam-se em marcar as diferenças entre poder e violência, que pode ser caracterizada como um instrumento e não um fim. Esses instrumentos seriam mudos, abdicariam do uso da linguagem que caracteriza as relações de poder, baseadas na persuasão (ZALUAR; LEAL, 2001, p. 147). Outras definições complementam esse conceito: a violência como não reconhecimento do outro, a anulação ou cisão do outro (ADORNO, 1993, p. 12, 1995, p. 18; PAIXÃO, 1991, p. 136); a violência como a negação da dignidade humana (CALDEIRA, 1991, p. 169; SANTOS, 1998, p. 189); a violência como ausência de compaixão; a violência como a palavra emparedada ou o excesso de poder (SANTOS, 1998, p. 189). Ainda, segundo Santos (2001, p. 107), a questão teórica da violência pode ser definida como uma forma de sociabilidade a partir da qual se dá a afirmação de poderes, legitimados por uma determinada norma social, o que lhe confere a forma de controle social: a violência configura-se como um dispositivo de controle, aberto e contínuo. Contudo, a violência não seria apenas a sua manifestação constitucional, pois a força, a coerção e o dano em relação ao outro, enquanto um ato de excesso presente nas relações de poder, estaria presente entre os grupos sociais.

Os tipos de violência na escola podem ser classificados de diferentes modos segundo cada autor. Bernard Charlot (2002, p. 29) propõe divisões como violência

na escola (a escola seria apenas o local onde os casos ocorrem, não tendo necessariamente vínculo direto com eles); violência à escola (os alunos se posicionam violentamente contra a escola, corrompendo seu patrimônio, por exemplo); e violência da escola (a instituição é violenta para com os alunos). Também remete à distinção entre violência, transgressão e incivilidade. Violência seria quando o indivíduo ataca a lei, transgressão quando ataca um dispositivo institucional interno (mas não legal) e incivilidade quando se infringe as regras da boa convivência. Tais refinamentos conceituais são sempre benéficos, pois nos auxiliam a entender com que caso prático lidamos: se o adequado é uma correção educativa ou um encaminhamento a uma instituição legal. Outra divisão, ainda bastante semelhante, é proposta por Debarbieux (1999)<sup>3</sup>, que consiste em violência penal, incivildades e o sentimento de insegurança.

A respeito dos fenômenos sociais que acontecem na comunidade em que a escola está inserida, Charlot (2002, p. 30) avalia como e de que forma eles se refletem na sala de aula. O desemprego, por exemplo, é capaz de produzir efeitos contraditórios. Por um lado, a desmobilização do aluno para com a escola por acreditar que, concluindo ou não o ensino fundamental ou o ensino médio, o futuro dele já estaria definido em função da realidade que acompanha diariamente. Por outro lado, também é notável a mobilização daqueles que acreditam que o estudo é a principal ferramenta da qual dispõem para mudar a sua realidade para melhor.

Nota-se ainda que, principalmente para os alunos de comunidades de periferia, a escola vem perdendo importância, já que eles veem esse espaço como um local em que devem aprender coisas que não fazem sentido para eles. O aluno do meio popular não entra na lógica da instituição escolar por conta de sua revolta face aos “comportamentos”, por vezes, verticalizados da escola.

É preciso ser sensível ao interpretar as ações, pois um ato de incivilidade do aluno para com o professor pode estar refletindo apenas que aquele segue diretrizes e normas morais diferentes das do professor. Nesse caso, sua ação demonstra um choque de culturas e de entendimentos de mundo. A escola é um espaço capaz de agregar diferentes grupos sociais e cada um deles possui um código de conduta distinto, sendo necessário entender essas diferenças e trabalhar com elas para que,

---

<sup>3</sup> Citação retirada de SANTOS, 2001, p. 108, a qual foi afirmada por: DEBARBIEUX, Eric. **La violence en milieu scolaire**: 2. Le désordre des choses. Paris: ESF, 1999.

em algum sentido, a escola seja capaz de fundar um modelo de ordem ou organização outro.

Uma vez que podemos identificar diversos fatores como fonte da violência escolar - baixa autoestima e problemas pessoais dos jovens, precariedade da instituição, eventual transposição hierarquizada de um conjunto de valores que pode provocar o silenciamento do diálogo -, e, também, atores dos atos de violência (alunos, professores, funcionários, a própria sociedade), destacamos que o desafio da escola é estudar quais são as ferramentas disponíveis para que possa se distanciar do caminho da violência e construir um espaço harmônico do saber e do desenvolvimento humano. Surge, então, a necessidade de reduzir ou erradicar a violência na escola e possibilitar a criação de espaços e tempos de formação dos educadores sobre a violência na contemporaneidade para que saibam manejá-la e transformá-la em objeto pedagógico. Tais iniciativas, talvez, resultem no desenvolvimento de certo modo de comunicação entre pais, professores, funcionários e alunos, possibilitando conhecer o fenômeno, suas origens e causas sociais, para, assim, superar os problemas causados pela violência na escola. O que é igualmente sublinhado pelos respondentes que, representados por

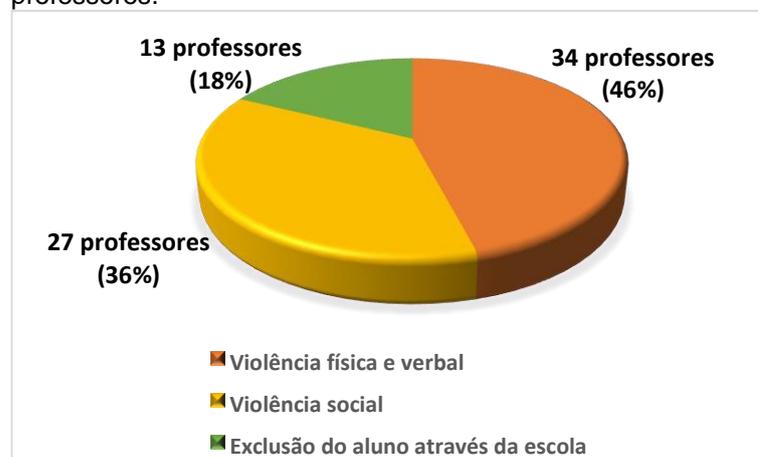
**Ametista02**, são unânimes quando propõem que “[...] o professor, com diálogo, quando se mostra aos alunos não como o dono da verdade ou como um ser incorruptível, tem boas possibilidades de contribuir para a diminuição dessas práticas”.

### **3 ANÁLISES**

Considerando a análise das respostas dadas pelos professores e pelas professoras à questão “Para ti, o que é violência escolar? Que tipos de violência tu já vivenciaste?”, foram definidas três categorias nelas evidenciadas: **violência física e verbal** (respostas em que os docentes afirmam que já presenciaram este tipo de violência), **violência social** (respostas em que os professores afirmam que os problemas escolares estão inteiramente baseados nos problemas sociais), **exclusão do aluno através da escola** (respostas que afirmam que, devido aos recursos e investimentos precários para a educação, os alunos acabam sendo excluídos da escola).

A Figura 5 apresenta uma análise preliminar de caráter quantitativo que será melhor explorada, agregando princípios da pesquisa qualitativa ao trabalho a fim de destacar, mais do que depoimentos a serem quantificados, as concepções, compreensões e os sentimentos dos professores em relação à violência na, da, e à escola. Cabe ressaltar que a resposta de alguns professores compreendeu mais de uma categoria, perfazendo assim, para fins estatísticos, um total de 74 respostas de professores distribuídos nas 3 categorias estabelecidas.

Figura 5: Categorias evidenciadas nas respostas produzidas pelos professores.



Fonte: Material organizado pelo autor.

### 3.1 VIOLÊNCIA FÍSICA E VERBAL

Nesta categoria foram reunidos depoimentos nos quais os professores declaram que têm presenciado muito a violência física e verbal no ambiente escolar. A partir da Figura 5, podemos observar que essa categoria foi a mais citada (46% dos entrevistados) dentro da classificação proposta. O Quadro 1 mostra a transcrição de trechos das respostas de alguns professores que citaram a violência física e/ou verbal em suas respostas.

Quadro 1: Trechos das respostas dos professores **Andaluzite01**, **Ametista02** e **Cornalina27**.

<b>Andaluzite01</b>	Violência escolar pode ser o <b>bullying entre colegas</b> , tanto quanto o <b>uso de termos pejorativos de pais e alunos para com professores</b> . Já fui ameaçada por alunos em algumas ocasiões, quando solicitei um melhor comportamento deles. Tive carro arranhado e pais reclamando de terem sido chamados por mim para conversar sobre o filho, pois “tinham mais o que fazer”.
---------------------	--

<b>Ametista02</b>	Dentro da violência escolar tem uma grande gama de práticas e ações que vão desde um <b>olhar que quer impor alguma coisa, até as vias de fato, com pedaços de pau, cadeiras ou armas</b> . Certamente a violência mais presente dentro da escola é a verbal, mesmo sendo relativamente comum algum grau de violência física. Ambos os tipos são absolutamente preocupantes [...]. Felizmente até hoje não vivenciei a violência física. Somente a verbal entre alunos, que às vezes acho que vale intervir.
<b>Cornalina27</b>	A violência existe na periferia e os alunos acabam abandonando a escola. Nas escolas de ponta, nas particulares <b>a violência é contra o professor</b> ; pais, alunos e direção, querendo que ele, sozinho, encontre a melhor saída para uma educação falida.

Fonte: Material organizado pelo autor.

**Andaluzite01** caracteriza a violência como manifestação de certo tipo de preconceito, colocando, também, a questão de os pais de alunos não participarem da trajetória escolar de seus filhos e reagirem de modo, até certo ponto, contrariado quando convidados a uma conversa na escola - o que, para essa professora, é compreendido como ato violento.

**Ametista02** acredita que a violência é resultado de ações anteriores e que é possível ser trabalhado este assunto dentro da escola, dialogando, sob certo aspecto, com argumentos de Charlot (2002, p. 30) e de Santos (2001, p. 107) quando referem a multicausalidade da violência e a forte influência de fatores sociais, ligados à vida dos sujeitos, na sua produção.

**Cornalina27** afirma que a violência acontece em todas as escolas, sejam elas de periferia ou de bairro nobre, a diferença são as características de cada violência. Segundo essa respondente, a violência ocorrida em escolas centrais agride diretamente os educadores e a educação.

Charlot (2002, p. 29) afirma que por vezes, a violência toma proporções consideradas maiores, podendo se caracterizar por agressões físicas ou, então, por atos de vandalismo e/ou furto para com o patrimônio da escola. Para jovens que acompanham seguidamente atos como assassinatos, roubos à mão armada, depredações de bens públicos ou privados, isso quando não são forçados a participar dos mesmos, o ambiente escolar se torna um espaço no qual eles reproduzem o que vivenciam fora dele: “A questão fundamental é esta: os incidentes violentos se reproduzem sob um fundo de tensão social e escolar forte” (CHARLOT, 2002, p. 29). O autor cita que, onde a violência escolar é grande, encontra-se uma situação de forte tensão. Assim, essas fontes estão diretamente ligadas ao estado da sociedade e do bairro. Ele evidencia que quando o próprio bairro é presa da

violência, há uma maior probabilidade de que a escola seja atingida por tal violência. Contudo, cabe salientar que essa premissa não é regra, podendo ser observados casos de escolas onde há pouca violência em bairros que são altamente violentos. Portanto, não pode-se dizer que a violência física e verbal na escola tem como causa singular e independente, o fato dos alunos sofrerem violência social nos mais diversos compartimentos da sociedade; apesar de observar-se uma forte influência para tal consequência.

### 3.2 VIOLÊNCIA SOCIAL

Atualmente, as relações de sociabilidade passam por uma nova mutação, mediante processos simultâneos de integração comunitária e de fragmentação social, de massificação e de individualização, de seleção e de exclusão social (SANTOS, 2001, p. 116). Como consequência, surgem práticas de violência como norma social particular dos grupos da sociedade. Assim, conforme explica Santos (2001, p. 107), a interação social passa a ser marcada por estilos violentos de sociabilidade, levando o processo civilizatório ao caminho inverso.

Sobre esse tipo de violência, mais de um terço (36%) dos professores citam que a violência escolar é fortemente influenciada pela violência social. Assim, os depoimentos que evidenciam o traço fortemente social da violência foram reunidos nessa categoria. Ela demonstra o quanto o meio social em que o jovem está situado interfere, diretamente ou indiretamente, no ambiente escolar, em suas atitudes e nas dos demais colegas. O jovem representa, na escola, a comunidade em que vive e procura seu espaço dentro do ambiente escolar, o que é assinalado também por Santos (2001, p. 116) a partir de suas pesquisas. O Quadro 2 evidencia as respostas dos professores **Citrino05** e **Pérola13**, os quais citam o reflexo da violência social na escola.

Quadro 2: Trechos das respostas dos professores **Citrino05** e **Pérola13**.

<b>Citrino05</b>	Muitas vezes <b>essa violência é o cotidiano do aluno refletido na escola</b> , reproduz o que ele encontra na casa, na sua comunidade, dentro da escola. É a luta pela sobrevivência em que muitos deles acreditam. Eles vêm com essa violência muito forte dentro deles.
------------------	--

<b>Pérola13</b>	É um pedido de socorro do aluno. <b>Ele reflete o que vivencia</b> , pois a maioria vem de famílias desestruturadas, de uma realidade em que ele não é valorizado, na qual ataca ou é atacado. É uma maneira de se defender. Ataco para não ser atacado.
-----------------	--

Fonte: Material organizado pelo autor.

Consoante, as professoras **Citrino05** e **Pérola13** dizem que o aluno reflete na escola a violência que ele sofre em casa e da sociedade, é um modo de defesa, atacando para não ser atacado, procurando seu espaço na sociedade.

A respeito da violência social, Zaluar e Leal, 2001 afirmam que a violência não seria apenas uma manifestação institucional, pois a “força, coerção, e dano em relação ao outro, enquanto um ato de excesso presente nas relações de poder” estaria “seja no nível macro, do estado, seja no nível micro, entre grupos sociais.” (ZALUAR; LEAL, 2001, p. 148)

### 3.3 EXCLUSÃO DO ALUNO ATRAVÉS DA ESCOLA

As respostas que deram origem a esta categoria demonstram o quanto o ensino ainda é desvalorizado pelos órgãos governamentais, o que acaba afetando todos os segmentos do ensino, com políticas públicas fracas que ocasionam, em certos momentos, a exclusão do aluno devido a uma administração ruim e sem recursos.

Quadro 3: Trechos das respostas dos professores **Topázio07** e **Turquesa25**.

<b>Topázio07</b>	[...] o professor também violenta seus alunos quando <b>desconsidera seus interesses [...]</b> . Assim como os <b>funcionários de escolas (públicas) que se esquecem que sua função diz respeito</b> , ao fim e ao cabo, <b>a auxiliar o aluno em sua formação, fornecendo-lhes informações corretas e instrutivas</b> . Ou os próprios <b>pais dos alunos incorrem em violência escolar com seus filhos quando não exigem por professores mais valorizados e qualificados ou quando não acompanham a vida escolar de seus filhos</b> . Por fim, <b>o governante violenta os alunos quando não cumpre as leis sobre educação básica</b> (piso nacional, por exemplo) e não preza pelo ensino e qualificação de futuros adultos, <b>saldáveis política e socialmente</b> .
<b>Turquesa25</b>	Violência escolar para mim, além da física, é o <b>descaso dos governos quanto a valorização dos professores e a falta de políticas públicas para educação e saúde</b> . Quando é preciso “humanizar o humano”, é sinal de que a violência corre solta, por conta da falta de postura dos adultos que acompanham as crianças e jovens, a começar pela desestruturação do núcleo familiar, que é a base do desenvolvimento humano sadio.

Fonte: Material organizado pelo autor.

Tanto o professor **Topázio07** quanto o professor **Turquesa25** nos dizem que o problema da exclusão dos alunos é devido ao sucateamento da educação praticado pelo Governo, com escolas sem estrutura e professores desvalorizados e sem condições adequadas para atender seus alunos com qualidade.

Nesse sentido, Costa (2000)<sup>4</sup>, relaciona a violência nas escolas à problemática social (relacionando a violência social com a exclusão do aluno através da escola), propondo ações que visem mudanças na percepção que os pais, as escolas e o governo têm dos adolescentes, oferecendo soluções efetivas para essa questão. O autor aprofunda ainda mais essa questão afirmando que a violência praticada pela escola está relacionada com a falta de política para a juventude. Ele cita ainda que essas políticas públicas não devem pensar apenas em projetos de profissionalização, mas em políticas de ocupação do tempo livre. Como exemplo ele afirma que a ocupação do tempo livre deve significar “educação para valores” e uma nova cultura de “trabalhabilidade”, a fim de que o jovem possa enxergar o mundo, conseguindo nele se inserir de diversas maneiras.

### 3.4 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Além dos três tipos de violência relatados acima, também pode-se citar com alta representatividade nas entrevistas, a violência simbólica. A escola vinha discutindo a violência, sempre achando que está fora e ela - a escola - precisa ser protegida. Em muitos casos, esta acaba se protegendo através da exclusão de adolescentes que ela julga portador de algum tipo de violência, como a colocação de grade em todos os lugares onde fosse possível e também a inserção da polícia dentro da escola. Esse processo permitiu colocar em discussão a escola como produtora e reprodutora de violência, sobretudo da modalidade de violência mais danosa (por ser menos visível): a violência simbólica. Como exemplo, Machado (2005, p. 28) relata que um dos maiores ganhos de um trabalho realizado na E.M.E.F. Cidade de Osaka (escola pública municipal, situada na periferia da Zona Leste da cidade de São Paulo) parece ter sido refletir sobre a responsabilidade da escola na produção da violência da qual se diz vítima; outro ganho importante foi

---

<sup>4</sup> Afirmação feita por Antônio Carlos Gomes da Costa (consultor da Comissão dos Direitos da Criança da Organização das Nações Unida – ONU) retirada de CAMPELLO (2001, p. 30).

perceber que a presença de uma polícia fardada e armada dentro da escola é incompatível com o combate a violência, porque hoje, na cultura escolar, a farda e a arma não simbolizam outra coisa além da violência.

A esse respeito, o professor **Turmalina15** afirma que a escola é muito violenta já que ela tenta padronizar os alunos, não respeitando suas diferenças. Isso fica claro em seu depoimento conforme mostra o Quadro 4.

Quadro 4: Trecho da resposta do professor **Turmalina15**

<b>Turmalina15</b>	O termo violência é muito genérico, pode ter violência física, <b>violência simbólica</b> , violência psicológica, violência cultural, violência institucional, a violência escolar é muito simbólica e subjetiva, e aí tem que delimitar o que é violência e o que é indisciplina, e esses dois conceitos são difíceis de delimitar, portanto posso dizer que presenciei violência todos os dias na escola, <b>já que o papel da escola vem sendo normalizar todo mundo, isso é uma tremenda violência</b> . A escola é uma relação violenta, quando o aluno é retirado do meio familiar com horário para comer, horário para sair, ele é submetido a uma violência extremamente forte. Tem várias violências na escola, <b>a própria seleção das tuas disciplinas é uma violência, a própria questão curricular é uma violência</b> . E se for pontuar para violência física, psicológica, já presenciei inúmeras vezes, violência racial, psicológica, até o ponto de não dar uma repetição da merenda para aquela criança que está passando fome, isso é uma violência tamanha e muitas vezes porque vai faltar para os outros, e até que ponto vem os irmãos daquela criança querendo comer e não tem idade escolar e eu não posso dar a merenda para eles, <b>que violência simbólica que estou construindo naquela criança?</b>
--------------------	--

Fonte: Material organizado pelo aluno

### 3.5 CONSIDERAÇÕES GERAIS A RESPEITO DO QUESTIONÁRIO APLICADO

Pelo levantamento estatístico efetuado, observa-se que a grande maioria dos professores atua na rede pública de ensino, em geral em escolas de periferia. Assim, é importante dimensionar a relevância da escolarização dos segmentos mais pobres, seja na transmissão cultural, seja na escolaridade exigida pela competição no mercado de trabalho. Um problema abordado por Zaluar e Leal (2001, p. 148) refere-se à existência ou, de outro modo, à ausência de relações entre a pedagogia das famílias pobres e a pedagogia da escola a fim de entender em que medida a tensão entre essas pedagogias é um fator inibidor das expectativas de ascensão social. Há uma disputa entre os preceitos e valores de ambas, que vem a disputar um lugar nesse campo de forças.

Em tal conjuntura, cabe à escola promover uma pedagogia que prepare o educando para que possa refletir acerca de sua situação, das formas que tem de buscar para solucionar as questões que estão presentes no cotidiano da

comunidade. E esse ponto é realmente importante que a escola, seus professores e a pedagogia empregada tenham sempre claro. A escola, principalmente a escola inserida em comunidades periféricas, onde a carência é a regra, tem o dever de escutar as demandas e os modos de se comunicar de seus jovens. Não tem o direito de impor uma visão, um sonho único.

Os professores são unânimes ao afirmar o quão prejudicial é a violência para os alunos. A violência é, em grande parte, reflexo da realidade vivida pelos alunos fora da sala de aula, logo, alunos inseridos em comunidades marcadas pela violência tendem a repetir, em menor escala, atos assistidos por eles nas ruas. Esta violência pode se caracterizar por atos simples, como agressões verbais, atos de desrespeito com o próximo, falta de obediência para com o professor. Como exemplo, a professora Opala07 comenta em sua entrevista:

**(01) Opala07:** Tu vê uma criança muito agressiva, que briga por qualquer coisa, é porque ele está sendo espancado dentro de casa e ele está refletindo isso ali. Já tem aquelas crianças que são o contrário, a falta da educação, às vezes qualquer batidinha é espancar, então a criança acha que pode fazer tudo, chega na sala de aula, chega no recreio, quando há discórdia ele bate, porque tem que impor a ideia dele, porque ele é mimado, nunca teve limites.

Atitudes violentas do estudante podem ter origem no que ele presencia em seu próprio lar, como discussões entre os pais, filhos e demais familiares. A partir de situações como esta, a tendência é que o jovem reproduza na sociedade algo muito semelhante. A escola, assim, se vê como responsável por repassar, além do conhecimento científico, a educação moral desses indivíduos.

Como fator importante na prevenção/combate da violência na escola, também são citados ainda, uma maior intervenção governamental na aplicação de campanhas, palestras de conscientização além da criação de programas voltados para o combate à violência de forma preventiva. Conforme Zalar e Leal (2001, p. 160), principalmente em bairros populares e em comunidades periféricas, os laços segmentais - como, por exemplo, os familiares - se demonstram de forma mais intensa. Muitas vezes, esse tipo de relação é permeado por tensões e problemas que fomentam um ambiente onde a violência, de uma forma geral, é entendida como

normal nas relações pessoais e como forma de resolução de conflitos. Como reflexo disso, os indivíduos que pertencem a essa realidade, quando situados em contexto escolar, tendem a reproduzir esse tipo de conduta, diminuindo o sentimento de culpa ao desempenhar tais ações, uma vez que são reflexo de seu meio. Já nas democracias liberais, nas nações em que o Estado é forte, o *ethos* guerreiro foi substituído pela tensão presente no esporte e em outros jogos instituídos, o que permite a expressão de emoções conflituosas, com a busca da glória individual e coletiva em detrimento dos oponentes, sem, contudo, eliminá-los. Assim, fica clara a nítida relação escola-governo-família dentro do contexto violência, o que é evidenciado pelas respostas dos professores entrevistados.

A grande maioria das respostas, para a pergunta: “Qual postura (medidas tomadas pela escola, pelos professores, pelos alunos, pelos órgãos responsáveis) precisa ser assumida diante dos atos de violência na escola?”, compreende a influência da família como agente importante no processo da diminuição dos atos violentos nas escolas. Sabe-se que a família e a escola são, de fato, agências responsáveis pelo processo de socialização e aquisição de hábitos que geram produção de consenso e integração social.

Zaluar e Leal (2001, p. 151) relatam que, na internet, há vários sites sobre a violência, argumentando que situações violentas que ocorrem na escola têm sua origem na família, no bairro ou nos meios de comunicação que apresentam modelos violentos que contribuem de maneira decisiva para a consecução, ou não, desses atos. Afirmam, ainda, que a escola como parte da sociedade maior possui uma capacidade limitada de contrastar com esses contextos sociais que a englobam.

Partindo-se deste princípio, e associando as concepções trabalhadas pelos autores em que nos subsidiamos e os relatos de professores, chega-se à conclusão de que, mesmo que se viva a violência educacional todos os dias, como declaram os docentes, para coibir a violência dentro da escola, deve-se coibi-la fora do ambiente escolar com igual empenho. É sabido que a violência na escola ocorre das mais variadas formas: xingamentos/ofensas, humilhação perante os demais, agressões contra a integridade física do indivíduo, etc. E o reflexo de tais ações é completamente diverso daquilo que se espera de um ambiente de aprendizagem. Os alunos passam a estar preocupados com os conflitos, as rixas entre colegas, ou então com os problemas que eles têm de enfrentar fora do ambiente escolar. As

preocupações com suas histórias de produção de conhecimento, às vezes, são secundarizadas.

Outra constatação lamentável é a de que a violência vira o assunto dentro da escola, como nos citou uma professora:

**(02) Jaspe9:** A violência é muito prejudicial, vira o assunto na escola, até mesmo entre os professores, **os atos de violência têm mais repercussão que atividades/projetos culturais desenvolvidos pela escola.**

Os alunos tendem a demonstrar também o reflexo da violência por eles sofrida, como exemplificado:

**(03) Onix11:** Um aluno pode deixar de pedir explicações se, quando ele faz, os colegas o agridem, debochando dele, por exemplo, é uma interferência violenta no aprendizado.

O aluno passa para um estado de desmotivação e medo, vem para a escola a fim de garantir a frequência mínima para a aprovação. A escola faz parte da rotina deles, mas, não cumprindo o espaço que deveria, ao invés de ser o local do conhecimento, da troca de saberes, é o local de resolução de pendências e de promoção do encontro de jovens que se veem como rivais nos conflitos intra e extraescolares. Consoante adverte Santos (2001, p. 117), que já não é evidente para esses alunos que se vá à escola para aprender: o essencial é, para eles, 'passar' de ano e ter um diploma, e aprender não é mais que uma obrigação de conseguir isso.

Os professores, em grande maioria, se veem como a autoridade dentro da sala de aula, responsáveis por intermediar os conflitos que nela ocorrem. Existem inúmeras situações, logo existem inúmeras variáveis para as atitudes que os professores tomam ou podem tomar. Dentro deste campo de possibilidades, os docentes se deslocam por ações que vão desde a promover um simples aperto de mãos até o contato com os pais ou o encaminhamento dos jovens envolvidos em conflitos para o Serviço de Orientação Educacional (SOE). Santos (2001, p. 109) destaca que sempre é necessário ao professor se comprometer com uma prática de

negociação instaurada no interior da escola, em especial nos próprios grupos de alunos, por meio, por exemplo, da ideia de mediação por pares, de forma a criar responsabilidade entre os próprios membros da escola, na tentativa de satisfazer as necessidades dos jovens.

Seguindo esse caminho, a partir das respostas, percebemos que alguns educadores buscam orientar, debater, questionar, trazer para a sala de aula situações que retratam a violência. Eles desafiam os alunos a verem com os próprios olhos, não se baseando somente em relatos sobre como a violência é prejudicial para a instituição escolar. Outros professores buscam identificar possíveis autores de atos de violência, tomando atitudes que visam preveni-la. Alguns se empenham ainda mais e, mesmo estando em contato com um aluno agressivo, não se intimidam, buscam nele algo de bom, uma qualidade, como relata um dos professores entrevistados:

**(04) Pérola13: A técnica que eu usei para fazê-lo trabalhar foi descobrir o que ele gostava de fazer.** Temos uma horta lá na escola e combinei com ele que se ele trabalhar e copiar em aula, ele vai à horta e capina. E ele gostou bastante, se diverte lá. O rendimento melhorou também, até os colegas começaram a elogiar.

É notável o quão empenhados estão os professores: mesmo tendo de combater sozinhos este “inimigo da educação”, eles encontram maneiras inteligentes e saudáveis de fazê-lo, sem que isso prejudique os alunos direta e indiretamente envolvidos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Oriunda, geralmente, de fontes que vão muito além dos muros da escola, a violência escolar é protagonizada por alunos em situação de vulnerabilidade social, professores que não foram formados para lidar com tais situações e instituições que não conseguem dialogar com a comunidade em que se inserem, além de terem suas estruturas por demais precarizadas.

Identificamos a escola, dessa forma, como um reflexo da nossa sociedade contemporânea, que nos impõe um modelo organizador excludente e elitista.

A estrutura se mostra claramente insuficiente, o que se confirma nas vozes de 54 professores que falam sobre uma realidade em que se observa depredações de diversos tipos, furtos, casos de agressões verbais, tortura psicológica, *bullying* e outras tristes situações que envolvem e afetam tanto os professores quanto os alunos. É necessário que a violência escolar seja encarada como um fenômeno complexo, que é reafirmado e demonstrado na escola, mas que provavelmente não tenha nascido nesse espaço, tornando-se imperativo que outros grupos sejam incluídos quando se discute o tema - por exemplo, a família.

Portanto é apenas com o trabalho conjunto de diversos atores sociais que podemos, de fato, executar um trabalho eficaz no combate à violência. É necessário que família, professores e alunos, a escola como instituição e, também, os órgãos governamentais se unam em um debate efetivo sobre o tema. Enquanto não tivermos uma visão capaz de enxergar a violência escolar como um evento contextualizado em uma realidade histórica/social e que tem diversos responsáveis, muito pouco poderemos fazer para que esse quadro mude. É preciso repensar para que serve a escola, que tipo de formação nós queremos. É necessário que haja uma reflexão sobre qual é o projeto de educação que nós pretendemos construir. Se o modelo atual é insuficiente, fica para nós a tarefa de repensá-lo e reformulá-lo.

## **VIOLENCE AT SCHOOL FROM THE PERSPECTIVE OF TEACHING**

### **ABSTRACT**

The increasing violence in schools has generated concern in sectors of society. This social problem is very important because it is at school that occurs much of the social and intellectual growth process of children. Knowing what happens in this place, from the point of view of teachers, it is essential to understand the process of violence in and from school. Thus, interviews were conducted with 54 primary school teachers, comparing them to reference authors in studies of school violence. The results showed that violence is present in schools, but probably not born this space.

**Keywords:** Violence. Teacher. Student. School. Interview.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio França. A criminalidade urbana violenta no Brasil: um recorte temático. **BIB**, Rio de Janeiro, 35, 1993, 1º sem.

\_\_\_\_\_. A violência na sociedade brasileira: um painel inconcluso em uma democracia não consolidada. **Sociedade e Estado**, Brasília, 10, 2, jul-dez, 1995, 299-342.

BRANT, V. Caldeira. **São Paulo: trabalhar e viver**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CALDEIRA, Teresa P. Direitos humanos ou 'privilégios de bandidos'?. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, 30, 1991.

CAMPELLO, C. M. T. Violência na escola: um protesto contra a exclusão social? **Bahia: Análise & dados**, Salvador/BA v.11 n.1 p.28-31, 2001. Disponível em: <<http://gajop.org.br/justicacidade/wp-content/uploads/Viol%C3%Aancia-nas-escolas-umprotexoto-contra-a-exclus%C3%A3o.pdf>>.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>>.

FONSECA, M.H., FONSECA, S.G., GOMES, C.S., NOGUEIRA, D.M.G., SOARES, L.S.

Bullying: Forma de violência e exclusão escolar. **Artigo de Opinião**, vol. 8, n. S2, p. 797-802, 2002. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2730/273023568100.pdf>>.

MACHADO, E. V. Inclusão/exclusão um desafio para a escola e seus educadores. **SENAC/SP**, 2005.

PAIXÃO, Antônio Luís. Segurança privada, direitos humanos e democracia. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, 31, 1991.

SANTOS, Jose Vicente Tavares dos. A violência na escola - conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 105-122, jan/jun 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27857/29629>>.

\_\_\_\_\_; DIDONET, B.; SIMON, C. A palavra e o gesto emparedados: a violência na escola. In: Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (Org.). **Violência não está com nada**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 1998.

*Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Formação de Professores e Desafios da Escola no Século XXI

Sinop, v. 7, n. 2 (19. ed.), p. 822-842, jun./jul. 2016

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 45, fevereiro, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbcsoc/v16n45/4335.pdf>>.

Correspondência:

**Jaderson Kleveston Schneider**. Mestre em Química pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Química, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: jadersonqmc@gmail.com

Recebido em: 05 de outubro de 2015.

Aprovado em: 05 de maio de 2016.